

A poética popular e social de Patativa do Assaré

The popular and social poetry of Patativa do Assaré

Renata Carvalho Nogueira

Universidade de São Paulo

Resumo: O propósito do presente artigo é apresentar uma leitura da poética de Patativa do Assaré, partindo de um estudo do seu caráter popular e social. Sendo agricultor no interior do Ceará, o poeta observou e vivenciou a dramática realidade da região nordestina, reconhecendo-se, dessa forma, como porta-voz de seu povo. A poética patativana é marcada por um claro eixo antagônico, no qual a temática social e popular se configura segundo oposições de classes. Com base em tal premissa, propomos uma análise da poesia matuta de Patativa do Assaré, ainda pouco debatida nos meios acadêmicos.

Palavras-chave: Patativa do Assaré. Sertão. Poesia social. Poesia popular. Literatura engajada.

Abstract: The purpose of this article is to present an interpretation of the poetry of Patativa do Assaré, starting from a study of his social and popular character. Being a farmer from the countryside of Ceará, the poet observed and lived the reality of Northeastern Brazil, recognizing himself, this way, as a spokesperson of his own people. The patativana poetics is determined by a clear antagonistic pillar, in which the social and popular issues are configured according to the social classes opposition. Based on this premise, it is proposed an analysis of the matuta poetry of Patativa do Assaré, still not very discussed in the Academy.

Key-words: Patativa do Assaré. Brazilian Northeast countryside. Social poetry. Popular poetry. Engaged literature.

A expressão *cultura popular*, sinônimo de cultura do povo, refere-se a uma prática própria de grupos subalternos da sociedade, sendo, então, definida como aquela:

[...] criada pelo povo e apoiada numa concepção do mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura “erudita”, porém, mantendo sua identidade (AYALA, 1987, p. 41).

Renata
Carvalho
Nogueira

174

Entende-se ainda que a cultura popular só pode ser interpretada por oposição à “cultura erudita” e à “cultura de massa”, ou seja, constitui-se a partir do confronto entre sistemas culturais: “[...] a cultura popular só se torna compreensível quando relacionada com a dominação e com o conflito entre grupos sociais [...]” (AYALA, 1987, p. 42).

A cultura do povo deve ser analisada dentro de um processo social mais amplo, considerando seus vínculos com as condições de existência e com os interesses de seus produtores e de seu público, tido como um segmento específico da sociedade. Essas manifestações populares constituem-se como formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das relações sociais de dominados e subalternos, isto é, grupos submetidos à hegemonia das classes dominantes. Desse modo:

[...] expressam a consciência que seus produtores e consumidores têm dessa desigualdade e de sua própria situação, subordinada, na estrutura social, veiculando, também, pontos de vista e posições que contestam a ideologia dominante, podendo, portanto, contribuir não para a reprodução, mas para a transformação da estrutura social vigente (AYALA, 1987, p. 58).

Nesse contexto, insere-se o poeta e também camponês Patativa do Assaré, reconhecido como um dos principais representantes da cultura popular nordestina. Antônio Gonçalves da Silva nasceu no dia 5 de março de 1909 no sítio dos pais, localizado na Serra de Santana (pequeno povoado a 18 km do centro de Assaré, no interior do Ceará). Como filho do casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, o poeta viveu em meio às pequenas propriedades rurais e, assim como outros muitos, sobreviveu através do trabalho da roça realizado em condições primitivas. O poeta, portanto, dividiu sua vida

entre o trabalho no campo, meio de subsistência tradicional para os habitantes daquela localidade, e a composição dos versos que superam as fronteiras do sertão.

Acreditava-se que estaria reservado a ele um destino semelhante ao de seus pais, isto é, a agricultura de subsistência e um baixo nível de escolaridade. Entretanto, a esse futuro modesto se contrapôs o sucesso que tornou Patativa do Assaré um mito na cultura popular.

Antônio Gonçalves, nome de batismo, tornou-se Patativa do Assaré, nome artístico, por analogia a uma ave canora muito comum na região do Cariri, e o patronímico, por sua vez, transformou-se em sobrenome da *persona* poética. A força de sua poesia decorre do vínculo existente entre o poeta, o sertão e o humilde caboclo. Seu canto nasce do cotidiano marcado pelo labor e pela fé. O carinho dos sertanejos pelo poeta e os cordéis escritos em sua homenagem são provas de que este se tornou um personagem-chave do panteão nordestino.

Patativa do Assaré armazenava seus versos na memória, afastando-se, assim, da ideia do poeta de bancada, nomenclatura usada para se referir aos escritores cordelistas. Sua criação poética estava sujeita ao contato com a natureza, pois sempre se deu durante as tarefas no campo:

[...] Muita gente num sabe como é que eu componho os meus poemas. Não é escrevendo! É... faço a primeira estrofe, deixo retida na memória. A segunda, do mesmo jeito; a terceira e assim por diante. Pode ser um poema de trinta estrofes. Quando eu termino, eu estou com todas elas retidas na memória, aí é que passo para o papel. Sempre fiz verso assim! Meu trabalho manual diariamente nunca interrompeu a minha missão de poeta, de simples poeta do povo, cantando a nossa terra, a nossa vida, a nossa gente, viu? (PATATIVA DO ASSARÉ apud CARVALHO, 2002a, p.13).

O pesquisador Gilmar de Carvalho julga se tratar de uma poesia como canto de trabalho: “Patativa, na serra de Santana, fazendo de seu ofício poético um canto de trabalho. Canto solitário e silencioso, ritmado pelo bater da enxada, [...] Patativa compondo seus poemas, sem lápis e sem papel, guardando tudo na memória” (2002b, p. 64-65).

Poucos poetas sertanejos receberam tanta atenção quanto Patativa do Assaré, cujo traço mais marcante é a aguda consciência de classe, tendo em vista a forte presença de denúncia social em seus versos. Como

bem avaliou Paulo César Lopes (2003), Patativa do Assaré não se revela um gênio isolado, perdido na pobreza sertaneja, mas um filho desse sertão e dessa cultura, fazendo de sua obra uma síntese de sua gente (p. 12-13).

O poeta insiste na observação e na experiência como base do conhecimento autêntico do sertão e afirma que o assunto de sua obra é a verdade, assumindo-se como intérprete da beleza, do sofrimento e dos sonhos do homem do campo. Para o poeta caboclo, literatura não é somente beleza, mas também denúncia, logo, deve se constituir como expressão artística e ainda representar uma visão de mundo:

Ele [o poeta] deve empregar a sua lira em benefício do povo, em favor do bem comum. Ele deve empregar a sua poesia numa política em favor do bem comum, uma política que requer os direitos humanos e defende o direito de cada um (PATATIVA DO ASSARÉ *apud* CARIRY, 1982, p. 52).

A produção patativana está distribuída em cinco livros de poesia: *Inspiração nordestina* (1956), *Novos poemas comentados* (1970), *Cante lá que eu canto cá* (1978), *Ispinho e fulô* (1988) e *Aqui tem coisa* (1994), três discos, nos quais recita seus poemas, diversos cordéis e algumas músicas gravadas por cantores, como Luiz Gonzaga e Fagner. O poeta recebeu inúmeros títulos honoríficos, dentre os quais *Doutor Honoris Causa* e *Cidadão Cearense*, além do reconhecimento como o maior poeta popular do Nordeste.

A poesia popular e a variante matuta

Desde que a formação poética do povo foi encarada como uma manifestação necessária para a definição de sua índole e caráter, isto é, como um documento de sua história e vitalidade, procurou-se marcar as leis e os princípios que proporcionaram o desenvolvimento dessa poesia popular oriunda da tradição oral.

O Brasil oferece um vasto e complexo campo para o estudo da literatura oral e das crenças populares, por conter três distintos ramos de procedências: o caboclo (indígena), o negro (africano) e o branco (português), que:

[...] possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 2006, p.27).

O estudioso atento à evolução da poesia popular observa as superstições, as festas populares, principalmente aquelas pertencentes à Igreja, como Festa de São João, e ainda as cantigas evocadas pelo povo no seu trabalho. Todas essas referências são exploradas por Patativa do Assaré, como se pode verificar nos poemas “No meu sertão” (2006a, p. 125), “O retrato do sertão” (2006b, p. 28) e “O puxadô de roda” (2006a, p. 23):

No meu sertão

A gente do meu sertão
Tem a vida acotelada.
Nas noite de sexta-feira
Caçadô não faz caçada,
Temendo grande desgraça.
No meu sertão ninguém passa
Entre dois pau de portêra,
Pois é grande sacrifício,
Se arrisca a pegá feitiço
Da gente catimbózeira.

O retrato do sertão

É diferente da praça
A vida no meu sertão;
Tem graça, tem muita graça
Uma noite de São João.
No clarão de uma fogueira,
Tudo dança a noite inteira
No mais alegre pagode,
E um caboclo bronzeado
Num tamborete sentado
Tocando no pé de bode.

O puxadô de roda

Seu moço, fique ciente
Que as farinhada dagora,
Tudo é triste e deferente
Das farinhada de otrora
Me lembro, nome por nome,

Das mué, também dos home;
Zé Raimundo era o fornêro,
E alegrava o povo todo
Pegado no pau do rôdo,
Cantando o Macambirêro.

O sujeito lírico no primeiro poema, “No meu sertão”, cita várias crenças populares que são denominadas pela “pessoa sabida” como superstição. Para ele, entretanto, trata-se apenas de precauções contra “mandingas” e azar. Já “O retrato do sertão” é mais um entre os vários poemas em que Patativa do Assaré descreve a alegria de uma festa de São João. Por fim, em “O puxadô de roda”, o eu-lírico fala ao seu interlocutor sobre a diversão nas “farinhadas de outrora”, trazendo os cantos dos trabalhadores.

Esses cantos de trabalho do povo eram sempre expressões de alegria na laboriosa luta pela vida “nos grandes eitos lavrando a terra, ou deitando matas ao chão, ou nos engenhos no moer das canas e na preparação do açúcar, sempre o trabalhador vai cantando e improvisando” (ROMERO, 1997, p. 50). Sabe-se que o poeta, como agricultor, também compunha seus versos enquanto lavrava a terra, como declarado em seu poema “Ao leitô” (2006a, p. 13), o qual abre seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, e serve como apresentação de seus versos:

Em vez de perfume e do luxo da praça
Tem chêro sem graça de amargo suó,
Suó de cabôco que vem do roçado,
Com fome, cansado e queimado de só.

A literatura oral brasileira mostra-se pautada na valorização da memória de um povo, sendo superficial a insistência de representações estereotipadas, como a miséria e a seca, imagens congeladas que impedem uma leitura mais rica dessa sociedade e cultura.

Os poetas populares insistem na fidelidade a uma tradição e se apresentam como os mensageiros e como a “voz do povo” (assim também se julgava Patativa do Assaré). Apesar de participarem do cotidiano e da cultura, essencialmente oral, gozam de um *status* privilegiado no seio da sociedade. O poeta situa-se nas margens e nos limites invisíveis que separam os grupos sociais, os espaços e as culturas; ainda se apresenta como mediador entre o mundo rural e o urbano.

Sabe-se que Patativa do Assaré consolidou-se como um dos mais autênticos e importantes representantes da cultura popular nordestina. Quinze anos após sua morte, o poeta ainda é lembrado como referência literária popular. Mas o que destacou o sertanejo entre tantos outros? É impossível encontrar apenas uma resposta. Ao estudar a poética patativana, deparamo-nos com diferentes singularidades, seja no plano do conteúdo ou da expressão.

No que concerne à expressão, interessa-nos observar o uso de duas modalidades linguísticas com diferente prestígio social. O próprio poeta afirma que compunha dois tipos de poemas: a poesia “cabocla ou matuta”, a qual se vale da variante popular, e a poesia “erudita” pautada na norma padrão.

A linguagem é de extrema relevância como forma de expressão na poesia popular, pois “não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inalienável direito de imprimir o cunho de sua individualidade ao instrumento das ideias” (ROMERO, 1997, p. 132). Da mesma forma, Patativa do Assaré valeu-se, muitas vezes, do que ele chamava de “língua cabocla” na composição de seus versos. Diferentemente da norma culta, aquela abraça termos e locuções populares, as quais traduzem os usos e sentimentos desse grupo.

O saber tradicional do povo, frequentemente, é visto com sentido pejorativo, até mesmo como algo risível. Essa depreciação julga as manifestações culturais populares como algo pitoresco, arcaico e inculto, ou seja, alguma coisa superada. Tal corrente, ao acreditar que a cultura popular é rude, rústica e ingênua, opondo-se ao progresso e à civilização, supõe que ela está mais presente no meio rural e em cidades do interior:

O meio rural é considerado o local privilegiado do folclore, desde os primeiros estudos, devido à suposição de que o homem do campo seria mais conservador, tradicional, ingênuo, rude e inculto, atributos tidos por muitos como caracterizadores do folclore. A consequência dessa linha de raciocínio é ver como tudo que se relaciona com a “cultura” e a “civilização” ameaça o folclore (AYALA, 1987, p. 18).

Essa visão revela um claro preconceito com as manifestações que se distanciam da cultura oficial. Patativa do Assaré, por exemplo, tinha grande consciência da estigmatização que sofria, como pode ser verificado nos seguintes versos do poema “Ao leitô” (2006a, p. 13):

Leitô, caro amigo, te juro, não nego
Meu livro te entrego bastante acanhado,
Por isso te aviso, me escute o que digo,
Leitô, caro amigo, não leia enganado.

É simpre, bem simpre, modesto e grôssero,
Não leva o tempero das arte e da escola,
É rude poeta, não sabe o que é lira,
Saluça e suspira no som da viola.

Os versos acima exemplificam o conflito da poesia popular com a poesia clássica. O sujeito lírico tem em vista que sua poesia é rejeitada e julgada como menor. Apesar dessa tensão, Patativa do Assaré lutou pela valorização da cultura popular, pois esta desempenha um papel social e traz a verdade do sertão sem ornamentação (2006a, p. 13):

Tu nele não acha tarvez, com agrado
Um trecho engraçado que faça uma escôia,
Mas ele te mostra com gosto e vontade,
A luz da verdade gravada nas fôia.

Não vá percurá neste livro singelo
Os canto mais belo das lira vaidosa,
Nem brio de estrela, nem moça encantada,
Nem ninho de fada, nem chêro de rosa.

A poesia popular de Patativa do Assaré nega a pretensa universalidade da poesia erudita ao afirmar valores e interesses opostos aos vigentes na cultura hegemônica. Seus versos apontam para a existência de diferenças e de desigualdades no interior da sociedade.

Nesse contexto, o sociólogo francês Roger Bastide firma uma perspectiva que busca analisar a cultura popular como parte de um contexto cultural e social mais amplo. Segundo ele, a cultura popular deve ser entendida em termos atuais e não como simples sobrevivência. Bastide critica os estudiosos que analisam os fenômenos culturais isolando-os do complexo social do qual fazem parte. O sociólogo propõe vincular a manutenção e as transformações de práticas culturais populares à organização social, às instituições e aos grupos sociais que as realizam.

Hoje se sabe que a cultura popular só é compreensível quando incorporada à vida da comunidade, ou seja, dentro do conjunto estrutural do qual faz parte. Seu estudo exige uma descrição sociológica que a situe no interior dos grupos. Abandona-se a simples descrição da manifestação cultural; o contexto social e o espaço físico deixam de ser tratados como cenário apenas e tornam-se componentes estruturais da análise.

A partir de então, propõe-se um estudo das culturas populares com um olhar sobre as condições de vida, os interesses e os conflitos entre os diferentes grupos sociais. Desse modo, essas manifestações só se tornam compreensíveis quando relacionadas com a dominação e com o conflito entre os grupos, como bem determinou Gramsci, em *Literatura e vida nacional*:

[...] até hoje, o folclore foi preponderantemente estudado como elemento “pitoresco” (na realidade, até hoje foi apenas coletado material para erudição, e a ciência do folclore consistiu preponderantemente nos estudos a respeito do método de coleta, seleção e classificação deste material, isto é, no estudo das cautelas práticas e dos princípios empíricos necessários para se desenvolver proficua-mente um aspecto particular da erudição) [...]. Dever-se-ia estudá-lo, pelo contrário, como “concepção do mundo e da vida”, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo “oficiais” (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas), que se sucederam no desenvolvimento histórico (1978, p. 183-184).

As reflexões sobre a cultura popular, no Brasil e em outros países “periféricos”, estiveram sempre associadas às discussões sobre a nacionalidade, a preocupações e lutas políticas e ideológicas. A cultura do povo passa a ser vista como parte de um processo de exploração econômica e dominação política:

[...] a cultura popular é entendida como produção historicamente determinada, elaborada e consumida pelos grupos subalternos de uma sociedade capitalista, que se caracteriza pela exploração econômica e pela distribuição desigual do trabalho, da riqueza e do poder (AYALA, 1987, p. 51).

Nesse contexto, a cultura popular nordestina tem se afirmado de modo a valorizar a sua produção, enquanto memória e resistência de grupos subalternos da sociedade. Como poeta matuto, Patativa do Assaré apresenta não apenas a realidade concreta de seu povo sertanejo, mas ainda sua linguagem cabocla. Logo, a afirmação linguística do sujeito do discurso patativano sobre a conjuntura sócio-histórica do Nordeste é mais um viés de valorização da cultura popular.

No que concerne às significações sociolinguísticas trabalhadas no interior da poética patativana, a variante matuta se constitui como a forma que o poeta adotou para ser entendido pelo povo simples do sertão. A temática da luta de classes e da igualdade social faz-se presente inclusive no plano formal poético, isto é, o embate entre as variantes linguísticas representa a tensão existente entre o opressor (norma padrão) e o oprimido (variante popular). Notou-se que o poeta busca valorizar e colocar, no mesmo patamar de relevância, as duas linguagens apresentadas.

Patativa do Assaré se vale da variante popular para dar voz ao sertanejo com o seu linguajar próprio. Trata-se de um processo de aproximação e identificação entre o público receptor (o sertanejo), a forma dos poemas (a linguagem) e conteúdo dos mesmos (as agruras vivenciadas pelo sujeito poético caboclo). A poética patativana esclarece, ao povo do sertão, a realidade e a verdade no que concerne à precariedade da existência nordestina. Assim, “o real-vivido encontra eco no real-poético” (AGUIAR, CONTE, 2013, p. 174).

Pode-se afirmar que o poeta assume uma posição no interior da luta de classes ao se utilizar da variante popular da língua. O poeta coloca-se ao lado do oprimido, legitimando o direito de fala de homens histórica, social e economicamente explorados, como verificado no poema “A terra é naturá” (2014, p. 154 e 157):

Sinhô dotô, meu ofiço
É servi ao meu patrão.
Eu não sei fazê comiço,
Nem discuço, nem sermão;
Nem sei as letra onde mora,
Mas porém, eu quero agora
Dizê, com sua licença,
Uma coisa bem singela,

Que a gente pra dizê ela
Não percisa de sabença.
[...]
Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Um tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.

*A poética
popular e social
de Patativa do
Assaré*

183

Nesse projeto de dar voz ao matuto, o emprego da linguagem cabocla se dá sem deboche, sendo ainda ferramenta para problematizar as questões sociais, diferentemente da tradição literária que, por muito tempo, valeu-se da forma popular para satirizar o homem pouco instruído. Patativa do Assaré demonstra que a enunciação da verdade sobre as coisas do mundo não é monopólio dos letrados e das classes dominantes, pois o sertanejo também é capaz de apontar as injustiças sofridas e reivindicar a igualdade social:

[...] o emprego da linguagem matuta como meio de expressão para dar voz à palavra dos oprimidos em sua luta contra a dominação dos doutores sabichões se constitui numa atitude de contestação fecunda em suas implicações. Em primeiro lugar ao assumir o direito à fala por meio desse tipo de linguagem, tida por “errada” na perspectiva da norma culta, recoloca no terreno da expressão linguística a luta de classes que se desenvolve no plano das realidades históricas com existência extra ou supralinguísticas e a que o discurso poético buscar representar. Esta transposição da luta de classes para o plano da expressão linguística constitui por si mesma uma atitude de resistência e enfrentamento do inimigo de classe na medida em que expressa uma recusa em curvar-se à pretensão de superioridade do dominador com base na instrução, cuja contrafacção encontra-se no estado de carência cultural dos oprimidos. E, por fim, o pressu-

posto contido nesta atitude de auto-afirmação e enfrentamento que as classes oprimidas tomam em relação a seus adversários é o de que o monopólio da instrução não resulta em monopólio da verdade como procura disseminar a ideologia da classe dominante ao pretender que a verdade e o conhecimento sejam atributos exclusivos de sujeitos com acesso a determinadas competências tipicamente das elites (ANDRADE, 2004, p. 148-149).

Patativa do Assaré contribuiu para a valorização da cultura popular, subvertendo o juízo recorrente de que as culturas do povo seriam inferiores, exóticas ou pitorescas. Desse modo, os estudiosos comparam o poeta matuto a nomes canônicos da cultura erudita, notadamente, Guimarães Rosa, por buscar a beleza e o valor de sua cultura sertaneja:

Enquanto Rosa é um autor de fina cultura erudita, que olha com amor e respeito para a cultura do sertão, dialogando seriamente com ela, Patativa é o artista formado pela cultura popular que olha e dialoga com a cultura erudita (LOPES, 2003, p. 11).

O poeta se valeu de inúmeras esferas da tradição oral e também da literatura erudita, produzindo uma poesia singular e multifacetada. Teoricamente, não se pode julgá-lo apenas como poeta popular, pois o matuto desbravara diferentes modelos de composições poéticas (sonetos, cordéis, quadrinhas etc.) e valera-se de distintas linguagens, entre elas a norma padrão. Entretanto, pode-se afirmar que Patativa do Assaré sempre se reconheceu como poeta popular, tendo escrito sonetos para desconstruir a imagem de poeta menor à margem da estética oficial, em outras palavras, para provar sua capacidade de versejar. Além disso, o poeta valia-se da norma padrão da língua portuguesa para interagir com o interlocutor erudito da capital, enquanto a variante popular servia-lhe para criar empatia com o sertanejo e dar-lhe direito de voz para formular sua filosofia.

A poesia social patativana

Figura emblemática da poesia popular, que, entretanto, compôs versos na norma padrão, até mesmo oitavas e sonetos, Patativa do Assaré trata em sua obra de uma grande variedade de temas. O poeta revela, aos seus leitores, uma forte relação com a natureza, com o sagrado e com os direitos humanos ao abordar as belezas do seu sertão, os ensinamentos cristãos

e a penúria do cotidiano caboclo. Na obra patativana, tudo se mostra articulado, sejam as variantes linguísticas ou os temas religiosos e sociais. Todavia, pode-se afirmar que a maior especificidade de Patativa reside na sua capacidade poética de dar voz a um grupo e a sua vivência social.

Patativa do Assaré se definia como um “matuto sertanejo”, cuja existência era traduzida em uma linguagem compreensiva para seus pares. O caboclo se mostrava muito sensível aos temas sociais, como a miséria, a fome, o êxodo rural, as crianças abandonadas, a seca, a reforma agrária etc. O poeta fazia-se porta-voz tanto dos habitantes de sua região, quanto de todos aqueles economicamente excluídos da zona rural e das cidades.

Logo, ao se falar de Patativa do Assaré, é impossível não pensar no conteúdo social de suas obras, uma vez que sua poética é marcada pela representação das agruras do Nordeste. Como poeta sertanejo da cultura popular, destaca-se, sobretudo, pelo trabalho arguto com o homem simples e anônimo, além de apresentar uma afeição pelo “torrão natal e amado”, valorização que, todavia, não mascara as problemáticas da região nordestina. Sob esse aspecto, o matuto afirma: “Eu sou um caboclo roceiro que, como poeta, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu Nordeste, principalmente daqueles que não têm terra [...]” (PATATIVA DO ASSARÉ, 2005, p. 17).

A referencialidade sociocultural tem um enorme peso na obra patativana, exigindo de nós, leitores, que incorporem o contexto histórico à forma poética durante sua interpretação:

A obra de Patativa do Assaré com seu compromisso social, com sua dimensão ética orientada em função de valores de inspiração comunitária como verdade, justiça e compaixão, está saturada de temporalidade histórica (ANDRADE, 2004, p. 18).

Patativa do Assaré mostra-se como a própria voz da comunidade e elemento de sua coesão através da linguagem regionalista, da qual compartilha. Com base nas lembranças pessoais, o poeta compõe seus versos, que atuam como um ponto de vista sobre a memória coletiva e popular:

Sua poesia é visceralmente ligada ao que vivenciou. Está impregnada de natureza, com o compromisso de quem sempre esteve em profunda comunhão com a terra. O paraíso da serra de San-

tana, a visão que poderia ser idílica é contaminada pela questão da terra, pelas inclemências das secas, em suma, por tinturas realistas que evitam qualquer pieguice e dão a grandeza do que ele canta (CARVALHO, 2002b, p.20).

J. de Figueiredo Filho, em *Patativa do Assaré – novos poemas comentados* (1970), afirma que o poeta é um homem do trabalho cotidiano na lavoura, que defende o nordestino flagelado pela estiagem:

Reside em pequena propriedade, em plena zona acometida, de vez em quando, pelas secas. Sente todo o drama do sertanejo nordestino. Já assistiu a retiradas de massas humanas, expulsas pelo nosso secular flagelo. [...] Já foi testemunha da morte por fome de uma filha muito amada de íntimo amigo. Todo esse sofrimento cantou ele com profundo sentimento. Sentiu a tragédia da seca em sua própria carne. Seu pecado, que para mim é virtude, é desvendar sempre esse drama do Nordeste de que é protagonista (p. 15).

Inúmeros estudiosos exploram a concepção de Patativa do Assaré acerca da poesia e da missão do poeta. O sertanejo se reconhece como porta-voz e testemunha da vida do seu povo: “Minha missão de poeta, de simples poeta do povo, cantando a nossa terra, a nossa vida, a nossa gente, viu?” (PATATIVA DO ASSARÉ *apud* CARVALHO, 2002a, p. 18). O sujeito lírico, em “Cante lá que eu canto cá” (2014, p. 26-27), distingue, assim, o poeta da cidade ao poeta do sertão, pois somente este provou da vida penosa e, portanto, pode cantar o sertão que é seu:

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Ria Lemaire concebe uma missão dupla à poesia e ao poeta popular: informar/comentar e ensinar/formar a opinião do povo (LEMAIRE, 2009, p. 14). Segundo a professora holandesa, as duas funções principais dos poetas das civilizações da oralidade são informar as notícias e as novidades, como testemunhas oculares, e ser porta-vozes da memória da comunidade, como testemunhas auriculares dos conhecimentos e das verdades a eles ensinados (2009, p. 22). Desse modo, Patativa do Assaré sempre se considerou um poeta social cujo dom é transmitir uma verdade social ligada ao que seu público e sua comunidade nordestina reconhecem e admitem como tal:

Na visão do poeta, o dom da poesia associa-se ao conhecimento da verdade; a missão de ser o porta-voz da verdade é apresentada como uma autêntica vocação [...] Podemos concluir que o poeta “nato” nasceu com vários dons: o da arte, da poesia, o da capacidade de ver a verdade e o da visão da justiça (LEMAIRE, 2009, p. 15).

A condição social foi essencial na obra do poeta, que escreveu sobre seu engajamento como camponês e trabalhador, sobre o homem da zona rural e da cidade (“Canto lá que eu canto cá”), o êxodo rural (“A triste partida”), a reforma agrária (“A terra é naturá”), o drama das crianças abandonadas (“Menino de rua”), a opressão dos pobres pelo poder (“Teia de aranha”); as desigualdades sociais (“Brasi de cima e Brasi de baxo”), as três classes sociais (“O inferno, o purgatório e o paraíso”); as greves (“O boi zebu e as formigas”) etc.:

Inegável que sua sensibilidade, a indignação diante das injustiças sociais, a fluência para encontrar uma tradução poética, para o que de outro modo seria apenas mais um discurso panfletário, atingem em Patativa uma culminância que fazem dele uma espécie única (CARVALHO, 2002b, p. 16-17).

O poeta se revelou um homem integrado à sua terra, em suas tradições e valores, além de unido ao seu irmão sertanejo. A dicção social presente em sua obra representa sua luta por igualdade e democracia:

Patativa, com sua alma pura e seus versos simples, descreve, magistralmente, os contrastes da vida sertaneja. [...] Foi feliz em saber expor com tanta precisão e ritmadamente as belezas e a desgraça do seu povo e de sua gente (FIGUEIREDO, 1970, p. 44).

Na visão de mundo patativana, fundem-se valores enraizados na doutrina cristã e a concepção do universo como um livro que contém todas as verdades de que o homem necessita. A associação entre a fé no Deus cristão e a confiança na verdade a que podemos chegar através do “Livro da Natureza” é o elemento fundante da obra do poeta. Assim, o sertanejo opõe a verdade dos livros, fonte do poder das elites, à do *Livro da Natureza*, fonte da sabedoria do poeta popular:

É a observação como base do conhecimento *versus* o conhecimento artificial dos estudos; é a verdade livresca do poeta “literato” *versus* a verdade observada pelo poeta “simples”, aquele que “leu” na faculdade da natureza, e sempre no plano de fundo: essa visão da igualdade, da anatomia dos dois tipos de conhecimento [...] (LEMAIRE, 2009, p. 27).

O poeta caboclo reivindica contra o conceito de primitivismo e de inferioridade que o discurso letrado das elites propaga para legitimar a marginalização e a exclusão das tradições do povo. Patativa do Assaré deseja trazer uma ideia da equivalência e autonomia do seu saber, mostrar o valor da civilização que ele representa:

Essa reivindicação da diferença, do reconhecimento e do respeito dela num pé de igualdade desconstrói a dicotomia convencional cujo pressuposto é o da inferioridade do mundo rural, da oralidade, oposta à superioridade do mundo burguês, urbano, do saber livresco, do poder (LEMAIRE, 2009, p. 26).

Há constantemente uma oposição entre o mundo do artifício (das letras, dos doutores) e o mundo sociocultural arcaico próximo do mundo natural. Trata-se, pois, do contraste entre abundância e privação:

O lado do doutor tem privilégios, saciedade de bens e direitos; o lado do matuto, ao contrário, tem carência destas mesmas coi-

sas que existem com fartura do outro lado; mas o lado do doutor tem carência de verdade, verdade que será dita pelo matuto. Então, podemos afirmar que o doutor tem saciedade de bens e direito, mas carência de verdade; enquanto o matuto tem carência de bens e direito, mas conhece uma verdade que busca expressar (ANDRADE, 2004, p. 206).

Essa relação entre o matuto e o doutor indica que o poema pede para ser lido como uma estrutura subjacente de diálogo, o que o aproxima do regime da oralidade. A oposição de classe social se dá entre protagonista e interlocutor, este que possui privilégios conquistados à custa da exploração do trabalho daquele.

Observa-se nas obras de Patativa do Assaré uma constante estrutura de diálogo, seja entre o matuto e o culto, seja entre o poeta e seus ouvintes. Trata-se muito além de um projeto de reprodução da poesia oral, mas uma marca da tensão social entre tais grupos sociais. Assim, a denúncia da estrutura social injusta e desigual na qual vivemos é evidenciada através do conflito de classes que, por sua vez, está representado nos diálogos.

A partir de oposições, isto é, de um eixo antagônico, Patativa do Assaré desvela o mundo. Em seus poemas há constantemente dois sujeitos representativos de duas condições sociais antagônicas que o poeta procura descrever por meio de oposição. O dualismo, muitas vezes, manifesta-se no próprio título dos poemas, alguns até nos títulos dos livros: *Cante lá que eu canto cá*; “O Brasi de cima e o Brasi de baxo”; *Ispinho e fulô*; “Nordestinos sim, nordestinados não” etc.

A afirmação da identidade sertaneja passa, frequentemente, pelo confronto entre o sertanejo e o doutor da capital letrado e rico:

Patativa do Assaré propõe uma visão dicotômica do mundo tanto sobre o plano espacial (sertão / cidade; Nordeste / Sul) como sobre o plano temporal (passado / presente). [...] A oposição mundo urbano / mundo rural está construída a partir de diferenças sócio-culturais e do sistema de valores: educação e saber contra analfabetismo e ignorância; dinheiro e bem-estar contra a pobreza e sofrimento; hipocrisia e vaidade contra honestidade e modéstia (DEBS, 2009, p. 32).

Em resumo, a temática central em Patativa do Assaré são os contrastes da vida sertaneja com suas belezas e sofrimentos, manifestando uma luta e um protesto contra a injustiça social. O discurso patativano é de ação social, tendo em vista que o poeta é sensível à dor, à labuta dos que sofrem e pelejam pela sobrevivência. O Deus que permeia toda sua poesia está do lado dos pobres, dos humildes, incentivando o homem à luta. O poeta, assim, não observa apenas a seca, mas também a falta de assistência educacional do homem sertanejo pelo Estado, o que segrega seu povo a um estado de miséria e analfabetismo.

Considerações finais

O filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov afirma que “a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (2010, p. 77). Com base nessa declaração, pode-se inferir que a obra literária coloca-se como um instrumento de reorganização do universo à nossa volta, a partir do momento em que se constitui como uma revelação do mundo real, contudo, de forma mais plena e bela.

Nesse contexto, podemos pensar na poética popular de Patativa do Assaré, o qual tinha total consciência de que a produção cultural tem, necessariamente, um caráter político e social. Como poeta matuto, o sertanejo representou não somente a língua, os personagens e o cotidiano do mundo rural e urbano, mas também as aspirações sociais, as reivindicações políticas e econômicas de seu povo.

O sertanejo se valeu de sua condição popular para apontar a verdade e as injustiças sociais, pois, diferentemente dos “poetas de classe”, ele compartilha a sabedoria de vida sertaneja ao se assumir como homem do trabalho na lavoura. O poeta conviveu com o cotidiano de sofrimento de seus companheiros matutos e, assim, segundo ele, pode alcançar o patamar de intérprete das mazelas de seu povo.

Patativa do Assaré “fez dos noventa e três anos de sua vida um longo poema épico sobre a terra, o trabalho, e as condições de vida de sua (nossa) gente” (CARVALHO, 2002a, p. 8). O poeta sempre esteve em comunhão com a sua terra, tendo em vista que sempre fora um camponês de mão grossa e fina sensibilidade ao versificar pela reforma agrária, pelo socialismo e contra a exclusão e a miséria.

Ao traduzir para a forma poética o seu “torrão natal”, o poeta revive as belezas nordestinas no que concerne à natureza, crenças e valores, sem deixar de analisar, no entanto, os problemas da região.

As belezas e desgraças de um povo ocupam o mesmo espaço em seus versos. Patativa do Assaré, ao mesmo tempo em que apresenta um Nordeste simples, pobre e carente, contribui para representar uma região nordestina de grande tradição cultural, conquistando um lugar de fala não apenas em nível nacional, mas ainda internacional, tendo em vista que o poeta matuto é objeto de estudo na França e na Inglaterra.

O espaço desenhado em seus versos é quase sempre o do Nordeste e, no Nordeste, o do sertão. Esse espaço abstrato surge abordado por temas e imagens ligados à própria cultura popular: as festas de santos (“A fogueira de São João”), a fé cristã (“Se existe inferno”), a vida simples do sertão e suas superstições (“No meu sertão”). Entretanto, diferentemente de outros poetas populares, Patativa do Assaré dedicou-se à composição de versos marcados por temas que revelam as desigualdades existentes entre o doutor da capital e o sertanejo (Seu Dotô me conhece?), o “dono da casa caiada” e o agregado (“O agregado”), os políticos e os “ingênuos eleitores” (“A política”), sempre em busca da justiça social.

O poeta se vale de duas modalidades linguísticas opostas: a norma padrão e a variante matuta, as quais representam o embate de classes entre aqueles que dominam a língua padrão e desfrutam de privilégios (“Brasi de cima”), e aqueles que lidam com as privações de seus direitos básicos, como o acesso à educação, e, portanto, restringem-se à linguagem popular (“Brasi de baixo”). A língua matuta se faz presente sem deboche, representando a sabedoria cabocla. Tal variante é utilizada como instrumento de luta de classe, pois, através do diálogo, o poeta matuto enfrenta, sem qualquer sentimento de inferioridade, o doutor da capital. Logo, a palavra e a ideologia revelam-se como significação social na produção literária do poeta.

Desse modo, constatam-se, em sua obra, constantes dicotomias entre oprimido e opressor, linguagem culta e linguagem matuta, sertão e grandes centros urbanos etc. Seus versos se configuram segundo um eixo antagônico: dois sujeitos representativos de duas condições sociais antagônicas, dois espaços socioculturais contrastivos ou dois diferentes registros em um mesmo projeto poético. Patativa do Assaré procura descrever tais temas, por meio da oposição, no intuito de denunciar a relação de complementariedade entre privilégio e privação como condição fomentadora do desequilíbrio e da desigualdade.

O próprio poeta revelava, abertamente, sua pretensão de se tornar porta-voz e educador de sua gente, já que seu canto despertaria seu povo para a consciência da opressão, como um “grito de alerta”. Além disso, o poeta também busca avivar o interesse da região Sul para as tradições de seu povo e, principalmente, chamar atenção para seus problemas. Dessa forma, Patativa do Assaré assume a função de intermediário entre o povo nordestino e o “doutor da capital”.

A poética patativana, vista pelo autor como “poesia rude, poesia do povo” (PATATIVA DO ASSARÉ apud ANDRADE, 2004, p. 33), apresenta uma grande relevância para a literatura brasileira, tendo em vista a conquista de espaço para a cultura nordestina nos meios acadêmicos, contribuindo para desconstruir o estabelecido complexo de inferioridade da produção popular. O poeta matuto busca afirmar o que considera “uma cultura marginalizada”, ajudando-a a se atualizar e reafirmar em outro nível, pois longe de ser uma visão do passado, é uma visão do presente de um grupo social e regional silenciado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. H. de; CONTE, D. Patativa do Assaré: o canto ilimitado. In: PUHL, P. R.; SARAIVA, J. A. (Org.). *Processos culturais e suas manifestações*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

ANDRADE, C. H. S. *Patativa do Assaré: As razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja)*. Fortaleza: Editora UFC / São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

AYALA, M; AYALA, M. I. N. *Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CARIRY, R.; BARROSO, O. “Patativa do Assaré, sua poesia, sua vida”, entrevista em *Cultura insubmissa*. Fortaleza: Nação Cariri, 1982.

CARVALHO, G. *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza: Omni, 2002a.

_____. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*, 2002b.

CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

DEBS, S (Org.). Patativa do Assaré visto por Rosemberg Cariry ou a construção de um mito. In: CARVALHO, G. (Org.). *Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro*. Fortaleza: UFC, 2009.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Patativa do Assaré: novos poemas comentados*. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 1970.

GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

LEMAIRE, R. Rer Patativa do Assaré: redescobrir um mundo. In: CARVALHO, G. (Org.). *Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro*. Fortaleza: UFC, 2009.

LOPES, P. C. História e esperanças de um artista do povo. Introdução. In: ANDRADE, C. H. S. *Patativa do Assaré: As razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja)*. Fortaleza: Editora UFC / São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

PATATIVA DO ASSARÉ. *Ispinho e Fulô*. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. *Inspiração nordestina*. Coleção de literatura popular. São Paulo: Hedra, 2006a.

_____. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes em convênio com o Governo do Estado de Sergipe, 1977.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

- Recebido em junho / 2017

- Aceite em agosto / 2017

*A poética
popular e social
de Patativa do
Assaré*

193

